

# **“Uma limpeza na floresta”: Relações de vizinhança entre o loteamento santa terezinha e o bairro floresta em porto alegre/rs.**

Indira Nahomi Viana Caballero.

Cita:

Indira Nahomi Viana Caballero (2007). *“Uma limpeza na floresta”:  
Relações de vizinhança entre o loteamento santa terezinha e o bairro  
floresta em porto alegre/rs. VII Jornadas de Sociología. Facultad de  
Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-106/275>

## **“UMA LIMPEZA NA FLORESTA”: RELAÇÕES DE VIZINHANÇA ENTRE O LOTEAMENTO SANTA TEREZINHA E O BAIRRO FLORESTA EM PORTO ALEGRE/RS**

Indira Nahomi Viana Caballero

Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil

[indirannahomi@yahoo.com.br](mailto:indirannahomi@yahoo.com.br)

O conjunto habitacional Santa Terezinha, localizado na região central de Porto Alegre (entre as avenidas Castelo Branco e Voluntários da Pátria), construído entre 2004 e 2007 é composto por 217 casas, uma praça, uma quadra de futebol, uma creche (com capacidade para 80 crianças), uma cancha de bocha e uma casa construída especialmente para sediar a associação de moradores. As casas de alvenaria recém pintadas, algumas no modelo de sobrado, contrastam com os frágeis casebres de papelão e madeira improvisados antigamente pelos moradores. Invadido por algumas famílias cerca de mais de dez anos atrás<sup>1</sup> e, desde então, cada vez mais habitado por mais famílias vindas, geralmente, de outras cidades do interior e até de fora do estado, o local foi se constituindo em uma vila<sup>2</sup> conhecida pelo nome de Vila dos Papeleiros. Esse nome era usado pelos próprios moradores que, em sua maioria, trabalhavam com a coleta e/ou triagem de resíduos sólidos na cidade, autodenominando-se por isso, “papeleiros”.

A prefeitura municipal retirou a comunidade de lá algumas vezes, desmanchou os casebres transferindo os moradores para a periferia. No entanto, tal solução nunca foi definitiva, após algum tempo as famílias voltavam instalando-se novamente no local. A retirada das famílias também consistiu numa solicitação dos seus vizinhos, moradores do bairro Floresta, dentro do qual a vila está localizada. Tal bairro, com uma grande extensão e cerca de 19 mil habitantes, compreende desde uma área considerada “nobre”, não apenas por seus moradores mas também por moradores de outros bairros e regiões, até uma área que pode ser identificada como de classe média baixa se considerarmos a estética das ruas, fachadas das casas e prédios, o tipo de comércio etc. Como o bairro é definido parece ser, justamente, uma das questões em jogo na construção da sua imagem.

Exatamente no local onde foi construído o loteamento Santa Terezinha o bairro Floresta tinha planos de construir aquilo que o presidente da associação de moradores do mesmo bairro, Associação Cristóvão Colombo (ACC), chamou de “Parcão do Bairro Floresta”, ao estilo do parque Moinhos de Vento, considerado um dos bairros mais “nobres” da cidade. Segundo Beto Rigotti, o presidente da associação, o projeto de construção desse espaço, principalmente voltado ao lazer das famílias, estava previsto inclusive no Plano Diretor de Porto Alegre. Ele afirmou que a decisão de construir um loteamento popular naquele local não foi consultada, e nem sequer comunicada, ao bairro por nenhuma autoridade; a notícia foi recebida pelos moradores através dos jornais de circulação na cidade.

A localização estratégica do terreno, considerando o local central como preferencial para coleta de resíduos sólidos, foi um dos motivos que fizeram os moradores insistirem na reivindicação de moradias populares no mesmo local<sup>3</sup>. A aquisição de resíduos sólidos pelos papeleiros acontece principalmente através da busca nas ruas, do recolhimento periódico nos “pontos de coleta” (estabelecimentos comerciais, geralmente localizados no centro da cidade, que doam principalmente papel, papelão e plástico aos papeleiros) e de doações espontâneas que podem ocorrer durante seu itinerário pela cidade; a coleta é feita principalmente com “carrinhos” tracionados pelos próprios trabalhadores.

Além das casas, estava planejada a criação de duas Unidades de Triagem<sup>4</sup>, próximas da Vila, uma, na Rua Paraíba, e outra, na própria Avenida Voluntários da Pátria, ambas destinadas especificamente para os moradores. Um desses espaços, o da Voluntários, funciona atualmente como uma unidade de triagem, onde ocorre a seleção do material reciclável proveniente da coleta seletiva municipal, implantada na cidade no final dos anos 80. Já o outro espaço, na Rua Paraíba, frequentemente chamado pelos papeleiros de “depósito” ou “galpão”, consiste em um local de trabalho onde cerca de trinta famílias realizam a triagem do material reciclável por eles coletado e também o seu armazenamento até o momento da venda.

Atualmente, com o retorno das famílias para o local, que ficaram durante um período de quase três anos em casas de passagem<sup>5</sup>, alguns atritos entre o loteamento Santa Terezinha e o bairro Floresta começaram a se esboçar novamente. Um deles está ligado com a própria questão do “lixão da Rua Paraíba”, assim chamado pelos moradores do bairro. Esses mesmos vizinhos queixam-se da “sujeira”, “ratazanas” e outros inconvenientes que o acúmulo de “lixo” está causando. Recentemente, ocorreu uma tentativa de transferência dos trabalhadores por parte do Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU) e da ACC, publicada inclusive no jornal da ACC<sup>6</sup>. Entretanto, seu Antônio, o presidente da Associação dos Recicladores Ecológicos da Vila dos Papeleiros (AREVIPA), afirmou que não há qualquer possibilidade de transferência dos papeleiros daquele local, já que se trata de um espaço cedido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) através de um contrato vigente por um período de vinte anos especificamente para o funcionamento de uma Unidade de Triagem.

Assim, o objetivo deste trabalho consiste em abordar como a configuração de tensões nas relações de vizinhança entre os dois bairros está relacionada com as diferentes percepções acerca do trabalho, moral, higiene e limpeza dos dois grupos vizinhos. A concepção deste trabalho se deu a partir da realização de pesquisa etnográfica no Loteamento Santa Terezinha entre fevereiro e junho de 2007<sup>7</sup>, onde questões relacionadas a forma como os moradores são percebidos pela vizinhança foram trazidas à tona diversas vezes por eles próprios.

### **Relato sobre “uma invasão”**

Para seu Roberto, proprietário e morador de uma casa na Rua Paraíba há poucos metros do depósito onde os papeleiros trabalham diariamente, além do “lixão” e seus inconvenientes, a própria vizinhança com o loteamento traz uma série de “problemas”. Seu Roberto faz o seu “relato” sobre “uma invasão” ocorrida no bairro entre oito e dez anos atrás.

A princípio umas cinco pessoas vindas não sei da onde, invadiram o terreno da rede ferroviária federal, que é exatamente aqui na Voluntários, que dá bem na entrada aqui da rua Paraíba. Bom, o pessoal [moradores dos arredores] já ficou meio desconfiado dessa invasão porque eles começaram a fazer barraquinhos e tal, depois de cinco começou aumentar pra dez, depois quinze, quinze barracos, vinte barracos, aquilo foi aumentando...Nós alertamos a prefeitura, alertamos a brigada e aquilo foi aumentando, tá? Já tinha mais ou menos umas cinqüenta pessoas com barraquinhas, tudo aquilo bem...de plástico com madeira, papelão, tudo assim. Bom, isso aí começou a aglomerar, gente vindo de tudo que é lugar. Bom, aí houve um abaixo assinado de todos os moradores aqui do bairro, pedindo para a prefeitura retirar. Foi a primeira ação coletiva do bairro com relação à invasão; porque é uma invasão, uma invasão de propriedade porque era da rede ferroviária o terreno. Bom, aí o que aconteceu: a prefeitura mandou retirar, veio um pelotão da brigada, teve um pessoal todo da polícia civil, tal, retirar todo o pessoal, não sei para onde levaram, eu sei que limpou. Colocaram só um arame farpado em volta, não colocaram segurança, não colocaram nada, ficou só aquele arame farpado e aí eles voltaram de novo. Cortaram o arame farpado, entraram, aí com mais gente, eu acho que era umas cem pessoas, por aí, e foi um negócio de invasão mesmo, aí com barracas, com tudo, crianças, mulheres. Bom, aí nós alertamos de novo, começamos a fazer uma ação de novo junto à prefeitura... (seu Roberto)

Essa “ação” foi considerada por seu Roberto uma “reação espontânea dos moradores do bairro, principalmente aqui no contorno que eram os mais atingidos”. Não haveria problemas se essas pessoas ficassem “quietinhas reivindicando uma terra pra elas ou uma casa, mas só que eles faziam uma ação aqui no bairro de destruição”. Essa, segundo ele, inclui roubos “a noite toda” nas residências e “assaltos” a senhoras idosas. O bairro continuou tentando remover os “invasores” do local, mas “como o PT (Partido dos Trabalhadores) estava no governo e o PT era favorável a eles, foi muito difícil o diálogo com a Prefeitura”.

Porque eu sou contra alguém que invade um terreno particular ficar com aquele terreno que ele invadiu porque isso aí é um mau exemplo pra sociedade, enfim, pra qualquer pessoa. Mas o PT era favorável a isso. [...] o problema é que houve uma reação muito pequena do bairro. O bairro começou a ir desistindo de uma reação mais forte. E só quem começou a participar das reuniões, a reagir, foi o pessoal aqui do contorno que estava sendo mais atingido. O pessoal mais afastado da Cristóvão, daquela zona ali, ficou mais ou menos, a coisa foi amortecendo. E eles [moradores da vila] foram criando força. Foram aglutinando mais gente, mais gente, e ficou assim praticamente tudo aqui uma super favela, um negócio assim medonho. Teve tiroteio, teve morte, teve...invasões...Essa rua aqui era uma rua que tinha várias empresas, várias fábricas, bares, restaurantes...Tudo foi fechando. [...]pessoas começaram a querer vender as casas, inclusive eu quero vender a minha casa também, sair daqui. [...] tem um pessoal que circula 24h por dia, à noite tem tráfico de drogas, que é um ponto importante também, que a droga rola solto na Vila. Isso aí já foi constatado, já foi...já teve a polícia aí, já teve a brigada, já prenderam, vários já foram presos...tudo da vila dos papeiros. São pessoas

que, já foi comprovado, que moram na vila dos papeleiros, que são traficantes de drogas, à noite vão assaltar aqui nos bairros, saem pra roubar carros, vídeo cassete dos carros... [...] Então houve um conflito geral, tá... Bom, o resultado foi o seguinte, depois... isso aí levou uns oito, dez anos, aqui ficou tudo desvalorizado essa zona aqui. Eles têm o sindicato que defende eles, só que eles não vêm esse nosso lado, eles só vêm o lado deles, coitados, que tão precisando, tudo... Tá, eu acredito que sejam, digamos, 20% sejam de trabalhadores, mas 80% não são. São pessoas que vivem do roubo, do tráfico, que são os que mandam na vila. (seu Roberto).

Partindo do relato de seu Roberto, e baseado em algumas considerações de Norbert Elias e John Scotson em “Os estabelecidos e os *outsiders*” (2000) sobre a comunidade com nome fictício de Winston Parva, onde os autores se debruçam para descobrir porque alguns grupos têm mais poder que outros, iluminaremos nosso entendimento acerca das relações entre os dois grupos: Loteamento Santa Terezinha, antiga Vila dos Papeleiros e Bairro Floresta.

De certa forma, os moradores do bairro Floresta são os *estabelecidos*, pois fundam sua distinção, em parte, num princípio de antiguidade, e por causa disso consideram ter mais poder. Já os moradores do loteamento, enquanto “recém chegados”, são os *outsiders* porque a eles são atribuídos estigmas associados com delinquência e violência como no caso estudado pelos autores (Elias e Scotson, 2000).

Outra consideração valiosa nesse contexto é de que o grupo estabelecido tende a atribuir ao conjunto do grupo *outsider* “as características ‘ruins’ de sua porção ‘pior’”. E o contrário também acontece quando a auto-imagem do grupo estabelecido tende a se “modelar em seu setor exemplar, mais ‘nômico’ ou ‘normativo’” (2000, p.23). Ao se referir a uma minoria dos moradores do loteamento como “trabalhadores”, seu Roberto incorre numa “distorção *pars pro toto*, [...] há sempre algum fato para provar que o próprio grupo é ‘bom’ e que o outro é ‘ruim’” (2000, p.23).

[...] O bairro Floresta em si acabou um pouco a ação deles porque achavam que era só uma coisa local. [...] fizemos várias reuniões da associação de moradores sobre a construção da vila. Então o DEMHAB, o órgão que construiu a vila, fez uma reunião conosco lá na associação, onde ele expõe o problema do pessoal, que eles precisam casa pra morar, tudo. Tá, é uma questão de caridade que eu vejo, ótimo, vamos fazer. Mas eu, todo bairro concorda com isso, que deve dar casas pra eles, mas só que quanto ao local, local errado. Tem sim que construir casa pra eles em local adequado para eles, na posição deles que são pessoas que não estão habituadas a um bairro... o bairro Floresta é um bairro nobre, tá? Eles não têm nada a ver com o nosso bairro, eles são estranhos ao bairro, eles não criaram aquele entrosamento com o bairro como alegou o pessoal do DEMHAB. A gente fez uma reunião, o DEMHAB disse “não, eles estão entrosados com o bairro, isso aí é um indício de que eles podem morar aqui”. Mas isso não é verdade, o bairro não concordou com isso aí, eles não estão entrosados com o bairro, eles não têm nada a ver com o bairro, eles são excluídos do bairro, tanto é que você viu na reunião lá, que o bairro é todo contra a vila. Então o nosso parecer é que eles deviam ter construído casa pra eles num local mais apropriado pra

eles, num bairro mais afastado, onde eles estivessem à vontade, não houvesse esse conflito que há e haverá sempre, não tem jeito. (seu Roberto)

O próprio bairro Floresta não é tão “nobre” assim, senão que uma parte do bairro é considerada “nobre”, porém a Rua Paraíba, que está muito próxima a Avenida Farrapos, não se encontra nessa parte. Seu Roberto mesmo reconhece que há quarenta anos a Farrapos é uma “rua de boates” e “prostituição de rua”, entretanto, essas não causaram tantos problemas como os travestis porque “elas ainda andam de roupas, então não causam tanto impacto, não é uma agressão”. Para ele, “uma coisa atrai outra” e cita o caso do motel localizado quase em frente à sua casa, “depois da inauguração as prostitutas vieram para a nossa rua, antes na nossa rua não havia prostituta”, e considera a possibilidade de algumas viverem próximo dali, mas não sabe dizer se são moradoras do loteamento. “A zona já estava meio desgastada e com a vila isso foi reforçado”, considerando, por isso, sua rua e o lugar onde mora, especificamente, como um dos pontos mais “atingidos” devido a grande proximidade com o loteamento.

Elias e Scotson falam sobre a idéia de que os membros de grupos mais poderosos que outros se pensam a si mesmos como “humanamente superiores”. E falam também do termo “nobre”, que ainda preserva até hoje o “*duplo* sentido de categoria social elevada e de atitude humana altamente valorizada, como na expressão ‘gesto nobre’” (2000, p.19, grifos do autor). Assim, os indivíduos “superiores” possuem o poder de fazer com que os próprios indivíduos “inferiores”, se sintam, eles mesmos “carentes de virtudes” (2000, p.20), o que aconteceu de uma forma um pouco diferente com os moradores do loteamento.

Antes mesmo que houvesse a urbanização do local, ainda na Vila dos Papeleiros, em meio a duzentos casebres, os moradores já reivindicavam sua “dignidade”. O fato de exercerem um trabalho, de possuírem uma rotina de trabalho passou a ser enfatizado pelos papeleiros. A reivindicação de uma posição/imagem de trabalhador torna-se recorrente entre eles na interação com não-papeleiros, sendo usada para diferenciá-los daqueles que não são trabalhadores, como os “mendigos”, e daqueles que estão “roubando” e “matando”<sup>8</sup>. A categoria “trabalhador” outorga dignidade ao trabalhador que “dá seu suor e reclama a contrapartida do *respeito*, o que se traduz na exigência do *reconhecimento* de que ele faz a parte que lhe cabe” (Sarti, 1996, p.70; grifos da autora).

A dimensão da dignidade também aparece com relevância para os camponeses argelinos descritos por Bourdieu em “O desencantamento do mundo”, os quais migravam para a cidade encontrando trabalho, muitas vezes, apenas na execução de pequenas atividades ou “falsos ofícios” como, por exemplo, o de vendedor ambulante (1979, p.64). Segundo o autor, entre tais camponeses a reivindicação da dignidade nunca estava ausente, senão pelo “imperativo do trabalho a qualquer preço” (Bourdieu, 1979, p.62).

Já entre os papeleiros o que aparece é uma forma de não perder a dignidade mesmo quando trabalhando “a qualquer preço”. A rotina muito próxima ao lixo e a expectativa de rendimentos que podem ser, por diversas vezes, demasiado escassos se comparados ao tamanho dos esforços<sup>9</sup>, não diluem a possibilidade de

enfatarem o lado digno do trabalho. Por isso fazem também a conexão entre o trabalho que realizam e um repertório de temáticas ambientalistas<sup>10</sup> que se encarregam de purificar o lixo, o qual passa a ser “material reciclável”, “resíduo sólido”, revertendo, assim, o motivo causador de estigma em atributo. Conseqüentemente, a atividade dos papeleiros passa a apresentar uma faceta “ambiental”. Alguns papeleiros chegam a afirmar que deveriam receber um salário da prefeitura por auxiliarem na limpeza da cidade, pelo “bem” que proporcionam a ela e ao “meio ambiente”<sup>11</sup>.

Tomando outra afirmação de Bourdieu, de que entre os argelinos “os mais desprovidos têm de escolher entre a fome e o desprezo” (Bourdieu, 1979, p.62), podemos dizer que entre os papeleiros, por sua vez, não se escolhe nem a fome nem o desprezo. Parece ser justamente contra essa escolha forçada que “lutam”. Aquilo que lhes interessa ressaltar parece estar mais para um “trabalhador a qualquer preço”.

Mas para seu Roberto o trabalho dos papeleiros é uma “fachada”, pois as mesmas pessoas que trabalham são aquelas que, segundo ele, realizam roubos e assaltos no seu bairro. “Eles são uns aproveitadores, sem-vergonhas, oportunistas, ficam se fazendo de coitadinhos”. O fato dos moradores não aceitarem moradias em outra região, num local mais “apropriado” para eles significa que “eles querem é roubar o bairro”.

[...] Quer dizer, a construção da vila não resolveu nada, eles continuam as mesmas pessoas, entende, não resolveu o problema. Isso é um dado, é um fato, tá comprovado. Agora o quê fazer? A ação da associação agora está encaminhando para remover as pessoas que são traficantes, ladrões e substituir por pessoas que são gente de bem, trabalhadores. Eles fazem reciclagem de papel. Mas isso aí pra mim é uma fachada apenas porque o pessoal que sai pra reciclar são geralmente aqueles que assaltam aqui o bairro, são as mesmas pessoas. Então eu não sei como fazer pra separar quem é trabalhador honesto, quem é a parte que rouba etc. Se bem que agora eles têm endereço, pode-se chegar lá e...Como houve na outra vila que construíram, eles tão fazendo assim: a brigada foi lá, tirou os traficantes e eles perderam as casas. E quem vai morar nas casas...são os brigadianos. Tá havendo uma troca. Quem for constatado que é traficante, ladrão, vão perder as casas e no lugar das casas vão dar pra os brigadianos. [Indira]: Qual é a vila? [Seu Roberto]: Aqui a vila...saiu no noticiário, saiu na Zero Hora...é a vila...[Indira]: Lupcínio Rodrigues? [Seu Roberto]: É, Lupcínio Rodrigues, exatamente. Aquela vila ali que foi a mesma questão. Foi uma invasão, construíram as casas, eram, parece também, papeleiros, uma coisa assim, do gênero, e agora tá havendo essa substituição deles por brigadianos. Aqui deve acontecer também a mesma coisa. [...] O relato é esse, eu acho que em síntese é isso que aconteceu todo esse tempo, agora podemos ir aos documentos, têm várias documentações. (seu Roberto)

Por causa de todas essas questões e de seu descontentamento com seus novos vizinhos, Seu Roberto elaborou um “documento” que denominou de “Dossiê Paraíba”. São cerca de duzentas páginas onde reuniu muitas “provas” (recortes de jornal falando sobre os assaltos e a prostituição na região, sobre “bandidos” que

foram presos na vila etc., além de relatos dos moradores do bairro sobre tentativas de assalto e pequenos delitos) sobre todos os transtornos aos quais considera estar suscetível morando tão perto da vila. Há aproximadamente seis anos começou a construir esse dossiê. Entregou para a administração municipal passada e também para a atual. “É um documento público e deve ser público, veiculado, foi baseado nos acontecimentos”. Seu Roberto diz que sempre foi uma pessoa “muito organizada”, “se arma de documentos para poder provar”. No entanto, considera que o diálogo com a administração passada da prefeitura municipal, que era do PT (Partido dos Trabalhadores), foi muito complicada, pois o “PT era favorável a eles”.

Bom, como o PT tava no governo, o PT não ouviu o bairro, não ouviu a associação, não ouviu os moradores do bairro, eles impuseram, isso aí foi imposto, não sei como é que eles conseguiram aprovar na prefeitura a criação da vila aqui, a construção da vila, foi uma coisa feita por eles, da prefeitura, com o desacordo do bairro. O bairro foi contra. E eles fizeram uma coisa totalmente fora do padrão normal que se deve fazer, que é ouvir o bairro. Tá, então isso aí é um conflito, tanto é que o PT perdeu as eleições por causa disso, entende. Foi feita uma campanha contra o PT, nós fizemos aqui, contra a prefeitura e...tanto é que o Fogaça ganhou, que não é do PT.

Para seu Roberto “o Brasil está sem lei”, “sem controle”, “uma bagunça”, “depois que o PT assumiu ficou assim, a criminalidade tem aumentado todo o dia, a ação de impunidade aumentou no país gradativamente”. Considera que “antes a situação ainda estava controlada”, pois para ele “PT, comunismo e Fidel Castro são a mesma coisa. E aqui o pessoal da vila ganhou porque são todos radicais”. Os moradores do loteamento “não negociam, não pedem, eles exigem, impõem”, e também são assíduos às reuniões da AREVIPA, “se um grita uma coisa, todo mundo vai atrás”. Afirma que “as coisas se inverteram”, pois o Departamento Municipal de Habitação (DEMHAB) “só deu coisa pra vila: creche, jardim...tudo para os bandidos, nada para nós”.

Os *oustersiders* de Winston Parva estavam enfraquecidos justamente porque não constituíam em um grupo, eram estranhos para os moradores antigos e também entre si. Geralmente, os membros dos grupos *oustersiders* são considerados como não observantes de normas grupais e restrições, e sim como “anômicos” (Elias e Scotson, 2000). Entretanto, não é o que acontece com os moradores do loteamento na visão de seu Roberto, que os percebe como “fortes” e organizados, inclusive, mais do que os moradores do seu próprio bairro, que foram “fracos”. E por isso, segundo ele, possuem poder, conseguindo atingir seus objetivos. De acordo com suas colocações, esse lhe parece um ponto importante. Daí o motivo de defender a transferência e/ou substituição de moradores do loteamento que não se enquadrem na categoria “honesto” por famílias de membros da Brigada Militar, “gente de bem”, assim “não haverá tanta panelinha”.

### **A estética dos “invasores”**

A construção de dois galpões para a realização da triagem dos resíduos prevista no processo de urbanização da vila implicou também numa transformação física do espaço e, mais do que isso, numa separação entre local de trabalho e local de

moradia. Um dos efeitos dessa transformação, segundo os moradores, é a diminuição de estigmas e preconceitos, pois agora residem, finalmente, num local higienizado, planejado, organizado e afastado do lixo. Parte das avaliações negativas emitidas por não moradores da vila, ou pelos próprios vizinhos quando se referem aos “perigos causados pelo lixo”, pode ser compreendida, em parte, como derivada da própria simbologia negativa do lixo<sup>12</sup> e dos perigos<sup>13</sup> que ele representa não só para seus moradores, mas também para aqueles que se encontram próximos de suas fronteiras espaciais e culturais (Douglas, 1976). Na medida em que o lixo torna-se menos visível, o qual atualmente não ultrapassa a fronteira dos dois espaços de trabalho localizados fora do loteamento, emerge a possibilidade de que novas imagens da comunidade e dos trabalhadores sejam construídas.

Não apenas a presença constante de grandes quantidades de lixo nas casas e em seus arredores, mas também as próprias condições de pobreza em que a comunidade se encontrava podem fazer parte dos fatores geradores de um tipo de discriminação que nos leva a “refletir sobre a natureza da pobreza” e “sua gênese social”, assim como suas causas e efeitos individuais (Sayad, 1991, p.85). Abdelmalek Sayad (1991) é um dos autores que aborda o fenômeno da migração como produto da pobreza, e a situação de pobreza na qual se encontram imigrantes em países ricos. Embora não estejamos diante de situação idêntica a uma daquelas analisadas pelo autor, a questão da migração e do lugar de origem entre os moradores do loteamento Santa Terezinha pode constituir um rico substrato para pensarmos em formas de sobrevivência de migrantes na cidade de Porto Alegre, pois grande parte dos moradores migrou de cidades do interior do estado, da região metropolitana ou, até mesmo, de outros estados. A necessidade emergencial de trabalho ao chegarem à cidade junto a não exigência de qualificação profissional/escolaridade para o exercício da atividade de coleta e/ou triagem de resíduos e a possibilidade de moradia estão entre as razões que levavam alguns recém chegados à capital do estado a fixarem-se na antiga Vila dos Papeleiros.

No caso do loteamento Santa Terezinha, o que era visto como “reivindicação” e “luta por direitos” por parte dos moradores foi sendo percebido pelo poder público local como uma necessidade de urbanizar/higienizar uma área central da cidade. Diferentemente do caso das comunidades negras nos EUA estudadas por Bullard (2000) que tinham suas áreas residenciais mais facilmente transformadas em espaço de armazenamento de resíduos tóxicos e poluição industrial, os investimentos públicos na urbanização da Vila dos Papeleiros se deram devido à grande visibilidade que a área possui, e, por outro lado, também ao fato da população em questão, e suas condições de sobrevivência, estar associada ao lixo, algo que foi sendo visto como um “problema ambiental” desde o final dos anos 80 em Porto Alegre, o que torna o assunto mais potente politicamente (Bullard, 2000).

De acordo com Elias e Scotson a censura mais freqüente aos *outsiders* é de que eles são “anômicos”, indignos de confiança, indisciplinados e desordeiros (2000, p.27). Os autores indicam a pobreza e a sujeira como “sintomas de inferioridade humana que os grupos estabelecidos mais tendem a identificar nos grupos *outsiders*” (2000, p.28). E falam, ainda, que “no caso de diferenciais de poder muito grandes e de uma opressão correspondentemente acentuada, os grupos *outsiders* são comumente tidos como sujeitos e quase inumanos” (2000, p.29).

Seu Roberto se refere não só ao lixo como ao próprio material reciclável como “sujeria” e algo que causa “estranheza”, e explica que “quando aparecem pessoas diferentes do nível que você vive há um constrangimento com relação ao jeito que eles vivem porque eles vivem totalmente diferentes”. Também falou que ficou

sabendo que “eles não sabem usar o banheiro”. E por essa e outras razões seu Roberto encara os moradores do loteamento como “praticamente seres não civilizados”. Nas casas de passagem foi “esse tipo de coisa que o DEMHAB e o DMLU ensinaram a eles, deram educação para eles aprenderem a como morar numa casa”.

O pessoal morando no lixo...sentem uma diferença porque eles vêm pessoas morando bem e eles ficam mais agressivos, ficam com ódio. Eles morando bem, em casas boas, praticamente como as nossas...eles estão agora mais sorridentes, amáveis, param para falar conosco; a aparência deles tá melhor, se vestem melhor...É a mesma coisa que o índio que está começando a ficar civilizado, eles estão ficando civilizados. A gente tenta tratar como cidadão, cumprimentando, dando bom dia.... (seu Roberto)

Além de seu Roberto comparar os moradores do loteamento a “índios” acha também que eles devem ser catequizados, que a Igreja deveria fazer uma “ação mais profunda”, “catequizar mesmo”, dar “aulas de religião” porque a religião “fortalece os princípios morais”. Segundo ele, a religião fornece certas “ferramentas que controlam a ação da pessoa, que, por exemplo, não vai roubar na presença de Deus”. E critica a assistência prestada por algumas igrejas próximas dali: “Só dar rancho não resolve, tem que ter um investimento espiritual, o que é fundamental para eles subirem na vida, subir na moral. Não é só na bala que se resolvem os problemas”.

A idéia de que existe uma espécie de “evolução” possível para aqueles moradores que não são “maus elementos” é o que parece tranquilizar um pouco seu Roberto. Ele, que está muito próximo da vila há vários anos, e que não mora exatamente na parte “nobre” do bairro, vê na “catequizaçã” dos moradores, na convivência com os próprios membros do seu bairro e nas novas condições de moradia, uma possibilidade de se tornarem “cidadãos” e até “viverem em harmonia”, mas deixando claro que isso não quer dizer que concorde com o que foi feito. “A nossa posição não é mais retirar eles daqui, é fazer eles melhorarem de vida porque se eles melhorarem nós também melhoramos. A nossa tática é essa, é diferente. Fazer um núcleo unido, um bairro só”. Ao falar “nossa posição”, “nossa tática” seu Roberto está se referindo aos moradores mais próximos do loteamento, do “entorno” que pensam inclusive em fazer uma outra associação separada daquela do bairro Floresta. “Os moradores lá de cima” são aqueles que moram na parte “nobre” do bairro, que “estão com a idéia atrasada, de tirar eles [moradores do loteamento] daqui. Já nós estamos com uma idéia bem avançada”, “tirar os maus elementos” e deixar só os “trabalhadores honestos”.

### **“Os problemas do bairro”**

Em uma reunião organizada pela Associação Cristóvão Colombo (ACC), realizada no salão paroquial da igreja católica do bairro, diversos moradores apresentaram queixas e reclamações sobre os “problemas do bairro”. Entre eles, a “Vila dos Papeleiros” apareceu por diversas vezes como “o problema” ou associada aos problemas.

Um dos moradores afirmou que depois do incêndio, ocorrido aproximadamente três anos atrás, desde quando os moradores da vila foram transferidos para as casas de passagem, “era tudo uma tranquilidade” no bairro Floresta. Os problemas começaram depois que “eles voltaram”, “agora não dá nem para ir ao supermercado”. Para ele só 20% da população da vila tem “salvação” e isso, segundo ele, é dito por gente que trabalha na FASC (órgão de assistência social do Estado do Rio Grande do Sul que presta assessoria aos moradores do loteamento). “Nem a polícia entra lá dentro [de tão perigoso]”. Outro morador complementou dizendo que “É preciso união, caso contrário, tem vila que vai invadir o bairro”.

O visível descontentamento de outro morador com os “invasores” do bairro, não apenas os papeleiros, mas também travestis e prostitutas foi manifestado na pergunta: “tem muita gente nesse país que se preocupa com as minorias, e quem vai se preocupar com as majorias?”. Essa noção de inversão é frequentemente trazida à tona pelos moradores do bairro Floresta. Tanto na fala de seu Roberto, como na fala do presidente da ACC e de outros moradores nessa reunião, isso aparece como uma formulação que manifesta uma indignação com a *ordem* das coisas, no sentido de preferência, de prioridade, do que deve vir antes.

Uma moradora dá um exemplo que também expressa uma noção de inversão: “Se eu tirar a roupa na rua eu sou presa. Porque então as autoridades não tomam uma atitude com respeito ao trânsito de travestis nus pelas ruas do bairro?”. Outro exemplo revelador nesse sentido: “Os marginalizados somos nós, fechados, rodeados por grades...É uma filial [a Rua Emancipação, próxima a Avenida Farrapos] da vila dos papeleiros e está prejudicando todo mundo”. A moradora está se referindo ao agrupamento de catadores de lixo e/ou moradores de rua (dá para perceber que são coisas indistinguíveis para ela) na Rua Emancipação, próxima a Avenida Farrapos, alegando que essas pessoas se apropriaram de tal forma da rua que “não dá nem para passar” e acrescentou que muitos ficam se drogando, “se picando”.

O que fica visível com essas intervenções dos moradores não é somente o quanto estão impossibilitados de saírem de casa ou de transitar pelas ruas “com segurança”, mas como se sentem impossibilitados pelo incômodo em compartilhar espaços públicos (dos quais falam como se fossem donos) com pessoas que antes não se apropriavam tanto quanto eles, ou não da mesma forma, de tais espaços. O incômodo maior parece ser justamente porque há essa situação de inversão, onde os *outsiders* passam a agir como *estabelecidos*, não se intimidando. Não se escondem e/ou não estão escondidos, ao contrário, sua visibilidade aumentou. Para seu Roberto “Agora o bairro todo tá percebendo a ação da vila. É como um câncer, no começo não se percebia porque era pequenininho. Aí aumentou porque eles se sentem mais à vontade”. Talvez a capacidade de estigmatizar do grupo que se supunha mais forte, tenha diminuído (Elias e Scotson, 2000). O próprio reconhecimento por parte dos moradores do bairro da existência de entidades que se “preocupam com as minorias”, pois “travesti e prostituta têm associação”, ao mesmo tempo que provoca um certo desgosto causa também uma espécie de medo que mobiliza os moradores ou pelos menos reforça a percepção de que uma “união” é necessária para que consigam “lutar” e, principalmente, “vencer”.

Entre as queixas e reclamações dos moradores do bairro está presente uma dimensão moral que, inclusive, questionam eles mesmos o que é “moral”<sup>14</sup>. A questão dos travestis e prostitutas é um dos temas que mais salienta essa dimensão: “Porque somos obrigados a conviver com indivíduos nus, que andam pelados, defecam nas ruas, fazem sexo nas ruas?”; “Existe uma lei que permite que os travestis andem pelados na rua, que permite o comportamento imoral? O que é imoral? Pois parece que isso já é moral”; “Sexo explícito na rua e crianças presenciando: esse não é o tipo de exemplo, de comportamento, para uma criança. É desrespeito com as crianças e constrangimento para os moradores”.

A noção do “mau exemplo” é um indicador do julgamento moral dos moradores que conseguem reunir sob ela tanto papeleiros, como prostitutas e travestis. Todos eles têm um comportamento não desejável pelos moradores do bairro, seja pelo uso de drogas, prática de pequenos delitos, consumo de drogas ou pela sujeira, o que faz com que o bairro e seus moradores percam parte do “prestígio” que possuíam, correndo o risco de terem que buscar por “novos espaços físicos e morais” (Velho, 20004, p.46).

Vários moradores expressaram seu reconhecimento sobre “a existência de um problema social”, referindo-se ao caso dos papeleiros que precisam de moradia etc, mas entendem que não se pode “prejudicar 90% do bairro Floresta por causa disso”. Entre as soluções, e também no sentido de crítica, está o argumento que “não se deve transformar uma pessoa que tem dificuldades em catador de lixo, mas se devem ter outros planos para ela”. Além disso, a idéia de que “a cidade nunca esteve tão suja” está diretamente relacionada aos papeleiros, “enquanto não se atacar o problema do papeleiro não vai se solucionar”. A maioria desse tipo de reclamação gira em torno do momento da coleta de material pelas ruas, pois para os moradores do bairro os papeleiros abrem os sacos de lixo e fazem uma rápida seleção na própria calçada, espalhando o lixo e sujando as ruas e calçadas.

Em uma conversa com o presidente da ACC, Beto Rigotti, várias percepções “do bairro” a respeito dos moradores do loteamento foram reforçadas. A primeira delas foi o problema do “lixão” da Rua Paraíba, o qual coloca em “risco” a saúde dos moradores do bairro por causa de “ratanos” e insetos atraídos pela “sujeira”, “aquilo que existe ali é um lixão, é só ir lá para ver”.

O segundo problema ressaltado pelo presidente foi o fato dos moradores do loteamento não pagarem impostos e, mesmo assim, ganharem casas da prefeitura. Isso é um “problema” porque os moradores do bairro Floresta pagam impostos “tipo A, o mais caro do município”, de acordo com ele, sendo o bairro com o qual a prefeitura mais arrecada porque concentra muitas empresas e estabelecimentos comerciais que pagam muitos impostos. Entretanto, para ele há uma desproporção nos investimentos no bairro por parte da prefeitura e isso deve ser mudado através da exigência dos moradores.

O presidente da ACC, da mesma forma que outros moradores do bairro, reclamou do aumento da “criminalidade” depois que a “vila voltou”. Disse que “não tem como provar, mas que os moradores notaram”. Diante disso “o problema é que um dia essa vila vai ser como uma Lupicínio Rodrigues, só vai dar para entrar armado, a Lupicínio é assim, basta ver na TV”. Beto Rigotti diz que “é fácil falar de boa

convivência quando não é na porta da tua casa”, então “o mais fácil para nós seria contratar uns jagunços para dar um susto neles ou incitar os moradores do bairro contra a Vila Santa Terezinha porque assim talvez até invadissem a vila, mas não é assim que fazemos as coisas nesta casa”. Em vez disso, afirma estar tentando “negociar” e “acalmar os ânimos”.

O fato dos moradores do loteamento viverem de forma “diferente” daquela dos moradores do bairro causa uma sensação de “estranheza” e “constrangimento” para seu Roberto. Para o presidente da associação “essas pessoas vivem em mundos diferentes do teu e do meu, podemos compreendê-las, mas não fazem parte do nosso mundo”. Elias e Scotson chamam atenção para o estigma social atribuído aos *outsiders* transformar-se, na imaginação dos membros do grupo estabelecido, num estigma material, sendo coisificado. O ponto central dessa operação é que através dela “o grupo estigmatizador é eximido de qualquer responsabilidade: não fomos nós, implica essa fantasia, que estigmatizamos essas pessoas e sim as forças que criaram o mundo”, colocando um sinal para “marcá-las como inferiores ou ruins” (2000, p.35). Por um lado, na fala de seu Roberto, aparece uma possibilidade dessas pessoas “diferentes” se “civilizarem”, como o caso citado por ele de um ex-papeleiro que está trabalhando como segurança em uma empresa do bairro Floresta, “foi uma evolução” para ele. De outro lado, a afirmação de Beto Rigotti de que podemos “compreendê-los”, mas não fazem parte “do mesmo mundo que nós”, acentua ainda mais qualquer tipo de diferença que exista *neles* e não deixa claro se há possibilidade de fazerem parte do “nosso mundo” algum dia.

Para o presidente da associação a questão ou proposição, ou até mesmo solução, é que “alguém” tem que se responsabilizar pelos danos que a comunidade Floresta vem sofrendo desde a fixação dos moradores do loteamento e também pelos danos que ainda possa sofrer. “Os moradores se queixam de assaltos, da criminalidade...quem vai pagar por isso? Alguém tem que assumir a paternidade”. Segundo ele, nem a administração passada nem a atual reconhece como “seu” o empreendimento. Beto afirma que não estava nada previsto no projeto Entrada da Cidade, nem na maquete do projeto, onde até hoje não consta a construção do loteamento da vila, mas sim o centro de convenções e o “parcão”.

### **Desde o Loteamento Santa Terezinha**

Seu Antônio, diferentemente de seu Roberto, diz que na “sua” comunidade existem sim “ovelhas negras, mas em toda família tem uma” e faz questão de salientar que a maioria dos moradores é formada por trabalhadores. Seu Antônio é presidente da AREVIPA, daí o uso freqüente de expressões como “minha comunidade” e “meu pessoal”. Em função disso, iniciou sua trajetória política e passou a freqüentar reuniões com a prefeitura, reuniões do Orçamento Participativo (OP), reuniões com ONGs etc. Atribui a “conquista” das novas moradias à sua participação e constante reivindicação no OP.

Para seu Antônio, os usuários de drogas que se aglutinam em certas esquinas em frente ao loteamento e as prostitutas que fazem “ponto” nos arredores prejudicam a imagem do próprio loteamento, pois muitos deles “não fazem parte da nossa comunidade”, mas quem não sabe pensa que são. “Mas eles acham que a gente

tendo casa pra morar ia andar pelas esquinas, por aí, na rua?”, pergunta seu Antônio.

Além disso, seu Antônio também cita uma “casa de convivência” e um “albergue municipal” localizados há algumas quadras do loteamento, onde moradores de rua, principalmente, passam a noite e, ao saírem durante o dia, permanecem pelas redondezas. Há, ainda, um fluxo de pessoas externas ao loteamento em busca de drogas. Seu Antônio sabe disso e não nega, reforçando sempre que a maioria dos moradores é de “gente honesta”, invertendo a lógica a partir da qual são julgados pelos moradores do bairro Floresta. Para ele o que “nos estraga” é o “entorno” e a presença de compradores e vendedores de drogas. No entanto, está convicto de que um líder comunitário não pode “combater” traficantes porque isso significa um risco de vida. Seu Antônio explica também que o traficante de drogas é o único vendedor que “não sai batendo de porta em porta para oferecer seu produto”, mas os interessados é que vão atrás dele, portanto, “as drogas é que devem ser combatidas, não os traficantes”.

Em geral, a relação que a comunidade apresenta com viciados em drogas e prostitutas que freqüentam o loteamento demonstra um tipo de entendimento acerca dessas questões muito diferente daquele apresentado pelos seus vizinhos. Apesar de também reconhecerem que “estragam” o lugar, não encaram como perigoso o convívio com tais pessoas e não deixam de se sentir seguros dentro do loteamento, pois se alguém de dentro sofrer qualquer espécie de moléstia, o perigo passa a existir para a pessoa que a provocou.

Do ponto de vista de seu Jorge, secretário da AREVIPA e um dos coordenadores da unidade de triagem, os vizinhos do bairro Floresta não entendem o trabalho dos papeleiros e por isso houve uma série de impasses na questão da rua Paraíba. Apesar disso, acha que a “auto-estima” do papeleiro e do morador da vila mudou de uma forma considerável depois da construção do loteamento. Ele disse que percebe até no “jeito”, na postura das pessoas, na sua “forma de falar”. Antes o papeleiro era mais “tímido” e se sentia constrangido por causa da forma que vivia. A vila era cheia de ratos e insetos, um amontoado de casebres desordenados por onde não circulava nem carro porque era tudo cheio de lodo. Depois do empreendimento urbanístico, a “maior felicidade” de seu Jorge “é ter um endereço”, é ir a uma loja e poder fazer “crediário” porque tem endereço. Ao ver o caminhão de uma loja entrando na sua rua e parando na frente da sua casa fica muito satisfeito. Segundo ele, o papeleiro era muito discriminado e ainda é, mas hoje isso diminuiu um pouco em função das atuais condições de habitação da comunidade. E questiona o desconforto de algumas pessoas ao saber que vários papeleiros residem naquele local: “Porque um papeleiro não pode morar no centro da cidade?”. Para dona Paraguaia, papeleira há mais de quarenta anos, “lugar de papeleiro é no centro da cidade”, senão o trabalho fica inviável. Ela diz que já se sentiu muito “humilhada”, “rejeitada”, “discriminada”, o que diminuiu um pouco atualmente, mas ainda assim existe. Dona Paraguaia afirma que “a sociedade não tolera a pobreza, não admite pobreza”. E ao perguntar-lhe “o que é a sociedade?”, ela responde: “é a classe média, é a burguesia”.

Com a construção das novas moradias, a maioria dos moradores fala em “loteamento” ou “condomínio”. Alguns deles até falam “vila”, vez por outra, como um

sinônimo de comunidade, bairro, mas loteamento parece dar mais status. A própria palavra “vila” possui um sentido bastante pejorativo em Porto Alegre, remetendo à idéia de um bairro “inferior”, de “baixo nível social” e/ou pobre. A noção de violência ou criminalidade também pode estar contida no termo. Daí o radicalismo de Seu Jorge ao dizer que hoje em dia “é proibido falar em vila, agora é Loteamento Santa Terezinha”.

O investimento em infra-estrutura no local, instalação de luz elétrica, saneamento básico, água encanada e telefonia residencial interferiu na dinâmica da comunidade. As relações dos moradores com o trabalho (previsão de gastos, necessidade de rendimentos, prazos para vencimento de contas) começam a ser influenciadas pelos “compromissos” mensais. A idéia de que com a urbanização e construção das novas habitações foi surgindo um compromisso financeiro (as contas de água, luz e a prestação das casas) é um fato novo nesse universo. Num universo onde a imprevisão se sobrepunha à previsão, assim como a “liberdade” se sobrepunha ao compromisso, as obrigações mensais aparecem com uma conotação paradoxal através das conversas com certos moradores. Se, por um lado, toda essa infra-estrutura melhorou as condições de vida dos habitantes do loteamento Santa Terezinha (aumentando a auto-estima dos trabalhadores, melhorando as condições de saúde e higiene, atribuindo mais “dignidade”, “cidadania”...), por outro, encareceu o custo de vida dos moradores que precisarão ajustar seus rendimentos a esse novo quadro de despesas.

As transformações espaciais que originaram o Loteamento Santa Terezinha podem ser encaradas, pelo lado dos seus moradores, como uma forma de *ascensão social*, melhoria de vida ligada a condições materiais. Por outro lado, desde a perspectiva dos moradores do bairro Floresta, isso significou um reforço na sua *descensão social*, pois ainda que houvesse outros “invasores” no bairro, os travestis e as prostitutas, esses não estavam fixados da forma como estão os moradores do loteamento<sup>15</sup>. Os conflitos entre os dois grupos parecem acentuar-se principalmente pela possibilidade que os moradores “recém-chegados” possuem de se “estabelecerem”.

### **Considerações Finais**

A partir do relato de seu Roberto, das reclamações de alguns moradores durante a reunião da associação de moradores do bairro Floresta e de algumas colocações do presidente da associação, pode-se perceber a tensão das relações de vizinhança entre os dois grupos. A perspectiva dos moradores do bairro sobre o condomínio popular Santa Terezinha e seus moradores fica explícita através de algumas noções como, por exemplo, “o lixão da Paraíba”. Enquanto para os papeleiros esse é um local de “trabalho”, espaço necessário para guardarem seus carrinhos e o material que coletam, para os vizinhos é um “lixão”, remetendo à idéia de desordem e improvisação total. No entanto o local foi, desde o começo, negociado pela administração da prefeitura passada para abrigar os trabalhadores evitando o armazenamento de resíduos por parte desses em suas casas e, conseqüentemente, a composição de uma paisagem da área de moradia semelhante a anterior, a qual desgostava os dois grupos. Além disso, ao se referirem à etapa da coleta, os papeleiros afirmam que coletam apenas “material reciclável”, o lixo eles deixam. Geralmente se referem ao lixo como sendo restos

orgânicos e algum tipo de material que não tem mercado ou tem muito pouco, que “não vale a pena”. Dentro do depósito da Paraíba cada trabalhador possui um espaço destinado para a realização da triagem do material e sobre o qual cada um é responsável por sua limpeza e manutenção existindo, entre eles, a distinção daqueles que são mais “caprichosos” daqueles que não são.

A forma como os moradores do loteamento percebem os freqüentadores indesejáveis da sua comunidade é diferente daquela dos moradores do bairro. A ausência de expressões e palavras que expressem algum tipo de desgosto quase faz parecer uma relação de indiferença. Entretanto, alguns moradores explicitam que seria melhor se essas pessoas se afastassem da vila e acontecendo isso, os moradores, em geral, não ficariam insatisfeitos.

A fixação dessa população de baixa renda dentro do bairro Floresta contrariou a vontade da maioria dos moradores mais antigos ou os estabelecidos, que demonstram um desconforto acerca do processo de estabilização dos “invasores”, os quais se sentem cada vez mais “à vontade”. Constrói-se, então, uma relação inversamente proporcional: quanto mais confortáveis esses se sentem, menos confortáveis ficam os moradores do bairro.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. “O desencantamento do mundo”: estruturas econômicas e estruturas temporais. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
- BULLARD, Robert D.. “*Dumping in dixie*”; race, class and environmental quality. Boulder: Westview Press, 1994.
- DEM HAB. “Projeto de Participação Comunitária”. Programa Habitar Brasil/BID. Porto Alegre, 2002.
- DMLU. “Os Caminhos do Lixo”: da origem ao destino final: experiência popular de gerenciamento integrado em Porto Alegre/RS. Trabalhos apresentados no I Simpósio Latino-Americano de Resíduos Sólidos em São Paulo em agosto de 1993. Porto Alegre, 1993.
- DOUGLAS, Mary. “Pureza e Perigo”. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- DUARTE, Luis Fernando. Identidade Social e Padrões de Agressividade Verbal em um Grupo de Trabalhadores Urbanos. In: LOPES, José Sérgio Leite. “Cultura e Identidade Operária”: Aspectos da Cultura da Classe Trabalhadora. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. “Os estabelecidos e os outsiders”: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- EQUIPE DE COLETA SELETIVA. Projeto de Coleta Seletiva do Lixo Urbano. DMLU: Porto Alegre, 1991.
- HOUAISS, Antônio; VILAR, Mauro de Salles. “Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa”. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- LOPES, José Sérgio Leite (coordenador.). “A ambientalização dos conflitos sociais”. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.
- \_\_\_\_\_. Sobre processos de “ambientalização” dos conflitos e sobre dilemas da participação. “Horizontes Antropológicos”, ano 12 n° 25, jan/jun 2006.
- SARTI, Cynthia Andersen. “A família como espelho”: um estudo sobre a moral dos pobres. Campinas: Autores Associados, 1996.
- SAYAD, Abdelmalek. Uma pobreza ‘exótica’: a imigração argelina na França. “Revista Brasileira de Ciências Sociais”, n° 17, out.1991.
- VELHO, Gilberto. Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- ZALUAR, Alba. “A Máquina e a Revolta”: As Organizações Populares e o Significado da Pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985.

---

<sup>1</sup> Cabe ressaltar que esse é um local que há décadas apresenta invasões constantemente.

<sup>2</sup> “Vila”, em Porto Alegre, é o nome dado a certas formações desordenadas e não planejadas, muito próximo ao que se entende por “favela”. Mas não apenas. Outros bairros, ou da periferia ou com baixo status, também são denominados dessa forma que carrega, geralmente, uma conotação de inferioridade. A terminologia raramente é usada para denominar um bairro de elevado status sócio-econômico.

<sup>3</sup> A reivindicação dos moradores foi viabilizada através do Projeto Entrada da Cidade, o qual não previa, inicialmente a urbanização dessa comunidade, mas o remanejamento, num primeiro momento, de 413 famílias que habitavam de “forma irregular” a zona de principal acesso à cidade de Porto Alegre para conjuntos habitacionais. Uma das finalidades do projeto era a “recuperação da paisagem urbana ao longo da auto-estrada”

---

e a possibilidade, no caso da Vila dos Papeleiros, da “inclusão social de uma das comunidades mais marginalizadas da cidade” (DEMHAB, 2002: 6).

<sup>4</sup> As unidades de triagem consistem em grupos de ex-catadores “organizados” pela PMPA os quais recebem também prensas e um espaço de trabalho chamado geralmente de galpão. “O trabalho é realizado manualmente por catadores que atuam em forma de associação, sem vínculo empregatício com a Prefeitura, com a receita da venda dos materiais recicláveis revertendo integralmente aos próprios catadores” (DMLU, 1993: 21). No final dos anos 80 os chamados “lixões a céu aberto” de Porto Alegre foram transformados em aterros sanitários sendo, com isso, proibida a presença de catadores nesses locais. Assim, boa parte desses foi incorporada no projeto das unidades de triagem (DMLU, 1993).

<sup>5</sup> Casas da prefeitura municipal que abrigaram os moradores temporariamente, até a conclusão da obra.

<sup>6</sup> O jornal é janeiro de 2007 e se chama “ACC em Atividade”.

<sup>7</sup> A primeira aproximação com a Vila dos Papeleiros se deu em agosto de 2002 e, desde então, algumas incursões etnográficas foram realizadas, mas com aprofundamento e intensidade apenas em fevereiro/março de 2007 (primeira etapa) e maio/junho de 2007 (segunda etapa) devido à pesquisa de mestrado.

<sup>8</sup> Ver Zaluar (1986) sobre a identidade de trabalhador colocar-se em oposição à identidade de bandido.

<sup>9</sup> O preço do quilograma de papel branco, por exemplo, representa por si só um valor irrisório. É somente com a acumulação de grandes quantidades de cada material que emerge a possibilidade de uma quantia significativa em dinheiro

<sup>10</sup> Essa capacidade que o meio ambiente possui de ser compreendido como justificção para determinados fins se deve a uma percepção do próprio meio ambiente enquanto uma construção social. Aquilo que é percebido como questão ambiental explica-se por um caráter polissêmico que o meio ambiente apresenta e que possibilita a transformação de velhas questões em questões ambientais (Lopes, 2004).

<sup>11</sup> Enquanto trabalhadores que exercem a atividade de coleta e/ou triagem de material reciclável, são possuidores de experiências singulares de trabalho diferenciadas de outros trabalhos. Esse valor atribui certa dignidade e reconhecimento social a esses trabalhadores ao mesmo tempo que os distingue de outros trabalhadores. As especificidades do trabalho ajudam a construir uma rede de relações sociais e de trabalho que auxiliam na construção do ethos do grupo (Duarte, 1987).

<sup>12</sup> Significados usados corriqueiramente expressam tais noções ao definirem lixo como: “qualquer objeto sem valor ou utilidade, ou detrito de trabalhos domésticos, industriais etc. que se joga fora; coisa ordinária, malfeita, feia; pessoa sem qualquer dote moral, físico ou intelectual; a camada mais baixa da sociedade; escória, ralé [...]” (Houaiss, 2001:1774).

<sup>13</sup> A associação da sujeira (lixo) com a desordem, e conseqüentemente sua conotação “perigosa”, é feita por Douglas em sua obra “Pureza e Perigo”: “A higiene, por contraste, vem a ser uma excelente rota, desde que nós a possamos seguir com algum auto-conhecimento. Como se sabe, a sujeira é, essencialmente, desordem. Não há sujeira absoluta: ela existe aos olhos de quem a vê. Se evitamos a sujeira não é por covardia, medo, nem receio ou terror divino. Tampouco nossas idéias sobre doença explicam a gama de nosso comportamento no limpar ou evitar a sujeira. A sujeira ofende a ordem. Eliminá-la não é um movimento negativo, mas um esforço positivo para organizar o ambiente” (Douglas, 1976:12).

<sup>14</sup> Gilberto Velho chama atenção para o fato de uma acusação de desvio sempre conter uma dimensão moral que “denuncia a crise de certos padrões ou convenções que dão ou davam sentido a um estilo de vida de uma sociedade, de uma classe, de um grupo ou de um segmento social específico” (2004, p.58).

<sup>15</sup> Gilberto Velho (2004) faz uma relação entre a “ascensão social” e sua associação a uma mudança, e do “prestígio social” e sua associação à estabilidade.

---